



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7367 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

EFICIÊNCIA, EFICÁCIA E EFETIVIDADE: POLÍTICAS DE CURRÍCULO QUE AMORTECEM OS COTIDIANOS

Matheus Saldanha do Amaral Reis - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Jeferson Maske - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ingrid da Cruz Silva - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

EFICIÊNCIA, EFICÁCIA E EFETIVIDADE: POLÍTICAS DE CURRÍCULO QUE AMORTECEM OS COTIDIANOS

Enfrentamos em nosso tempo a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), um dos momentos mais incertos e desafiadores de toda a nossa história. Enquanto instituições internacionais e grandes empresas ligadas ao mercado tentam vender produtos, currículos, soluções prontas e uma ideia de futuro que se alinhe a um *novo normal*, uma ruptura sistêmica que impõe novas normas e condições que irão ditar as regras e as políticas no mundo pós-pandemia, pesquisadores, cientistas e acadêmicos de todo o mundo tentam encontrar, em suas mais diferentes áreas do conhecimento, mesmo com recursos limitados, os caminhos de um presente mais seguro e vivível em nossa sociedade. Nós, professores e pesquisadores do campo curricular, distantes do privilégio de viver no mundo das ideias ficcionais futuristas do mercado, trabalhamos *no e com* o presente, enfrentando as velhas articulações desse mercado que apoia e sustenta um governo que insiste em não conversar com a comunidade escolar e com os professores da educação básica.

Os caminhos teóricos e metodológicos que *suleiam* este trabalho trazem a “fala dos passos perdidos” (CERTEAU, 2014, p.163) na pandemia, mas encontrados nos gestos e nas particularidades do cotidiano. Os caminhos que nos levam ao Sul (SANTOS, 2010a) dão a direção metodológica dessa pesquisa, que reconhece que “o ato de falar permite ir mais longe” (CERTEAU, 2014, p.164), fugindo, assim, de uma tentativa totalizadora, mas pensando em diversos caminhos, percursos, sempre diários e inacabados para perceber que “a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados” (SANTOS, 2020, p.7). Pela conversa, disparamos um pouco de nós. Nossas palavras não são fixadas e repetidas, não *aMORTEcem* as individualidades e os conhecimentos desperdiçados pela única forma de enxergar o cotidiano. Pela conversa que *conta o passado, analisa o presente e sonha com o futuro* (OLIVEIRA; ALVES, 2008) percebemos que não encontraremos uma resposta, mas entendemos as redes de viver que nela estão presentes.

Muitas redes de ensino do país já começam a organizar e planejar suas ações na intenção de cumprir um desafio salutar: a reabertura das escolas com uma pandemia ainda em curso. Apesar da flexibilização da obrigatoriedade do cumprimento da carga horária letiva

mínima determinada pela Lei nº 9.396/96, a proposta de alcançar um *ensino de qualidade* ainda se faz presente no contexto dos conteúdos mínimos, que devem, diante das atuais circunstâncias, ser ministrados na modalidade a distância. O caráter emergencial do ensino remoto nos leva a enfrentar problemas já conhecidos, mas que agora se tornam ainda mais notáveis durante o período pandêmico. A fragilidade dos currículos comuns, como é o caso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é só um dos exemplos mais palpáveis desses problemas que pretendemos expor no futuro desta escrita.

Em artigo publicado na ECOA, uma plataforma de conteúdo digital da UOL, o ensino fundamental a distância *precisa de 3G melhor e de professores capacitados*, na defesa da garantia do padrão de qualidade educacional e do ensino ministrado por *bons profissionais* (PEREIRA, 2020). Diante disso, além de apáticas, as tendenciosas intenções na busca por uma educação de qualidade e nivelada de modo a atender a todos acabam por evidenciar, bem como anunciar, a destruição do que não se enquadra em um *todo global*, manifestando-se de diversos modos, *da discriminação à exclusão, da marginalização à liquidação física, psíquica ou cultural, da demonização à invisibilização* (SANTOS, 2017; SÜSSEKIND, 2014). A diferença se torna, assim, um entrave para que os Outros (CERTEAU, 2006, apud FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2019) sejam reconhecidos como legítimos, desconsiderando-se as múltiplas redes por meio das quais o sujeito se constitui humano, devendo, portanto, ser reconhecido como tal.

Outro ponto importante que com o tempo vem se provando como fundamental na discussão e eficiência da pesada imposição das práticas ligadas ao ensino remoto é a dificuldade de acesso às tecnologias e aos serviços necessários para o seu funcionamento. Essa é uma questão que atinge não apenas os estudantes da educação básica, mas também professores, professores em formação na universidade e os docentes da educação superior. Os propósitos capitalistas pressionam o governo para a continuidade das atividades escolares em uma *nova normalidade*, favorecendo o crescimento de um mercado que se expande rapidamente e cria demandas de um ensino que, por sua natureza, é excludente e epistemicida (SANTOS, 2010b). As discussões acerca das condições que serão oferecidas como possibilidade para estudantes – e professores – que não têm acesso à internet e a recursos educacionais digitais permanecem, até o momento, inexistentes. A relação triádica entre sucesso, progresso e tecnologia tem demonstrado desprezo a outras formas de sociabilidade (SILVA, 2012) e existência, pois nega o acesso aos direitos fundamentais dos indivíduos, em virtude de condições de ser, de estar e de se reconhecer no mundo.

Concluimos destacando, portanto, a necessidade de superar os moldes de compreensão unidirecionais que têm vindo à tona mediante as ações de algumas redes de ensino do país na intenção da reabertura gradual das escolas. Entre a criação de protocolos de retorno e planejamentos para a retomada das aulas presenciais o que se entende por processo ensino-aprendizagem continua aferrado às competências e habilidades que supostamente estudantes devem alcançar e professores devem ensinar ao término de cada ano de escolaridade, evidenciando o fetiche pelo controle da aprendizagem, do ensino e a cassação da autonomia docente.

Palavras-chave: Currículo; Cotidiano; Mercado; Pandemia

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2008.

- CERTEAU; Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. *Contar o passado, analisar o presente e sonhar com o futuro – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis (RJ): DP et Alii, 2008.
- PEREIRA, Raphael Preto. Ensino Fundamental a distância precisa de 3G melhor e professor capacitado. *ECOIA – Uol*. São Paulo, 4 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoia/ultimas-noticias/2020/04/09/ensino-fundamental-a-distancia-precisa-de-3g-melhor-e-professor-capacitado.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- SILVA, Rodrigo Torquato da. *Escola-Favela, Favela-Escola*: Esse menino não tem jeito. Rio de Janeiro: Faperj, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010a.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Editora Cortez, 2010b.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Contra a dominação. *Jornal de Letras*. Ago. 2017. Disponível em: <<https://alice.ces.uc.pt/en/index.php/homepage-posts/opinion-portuguese-against-domination-boaventura-de-sousa-santos/?lang=pt>>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Editora Almedina, 2020.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. As (im)possibilidades de uma Base Comum Nacional. *Revista E-curriculum*, São Paulo, v.12, n.03, p.1512-1529, 2014.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. Quem conversa, conversa com. In: OLIVEIRA, I.B; PEIXOTO, L.F; SÜSSEKIND, M.L (Org.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente*: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. 1 ed. Curitiba: CRV, 2019, v. 01, p.99-112.